

## COMENTÁRIO AO LIVRO DE LUTERO SOBRE O *MAGNIFICAT*

*Profa. Dra. Ir. Aíla Luzia Pinheiro de Andrade, INJ\**

*Prof. Esp. Joaquim Fernando Pontes III\*\**

*João Frota Melo\*\*\**

### **Resumo**

O artigo é fruto de um estudo feito pelos alunos do segundo ano do bacharelado em teologia na Faculdade Católica de Fortaleza, durante o primeiro semestre de 2017. O estudo teve por objetivo o aprofundamento de uma obra de Lutero, tendo em vista a celebração dos 500 anos da Reforma. Sendo que, para os católicos, é também um ano de dedicação a Maria, achou-se por bem estudarmos o comentário de Lutero sobre o *Magnificat*, o cântico de louvor da Virgem Maria, no Evangelho de Lucas. De todos os trabalhos apresentados, dois foram escolhidos como os mais significativos, não desmerecendo os demais.

O artigo, portanto, fruto desse estudo coletivo, tem como objetivo apresentar uma síntese de seus principais temas da obra estudada. O comentário de Lutero ao *Magnificat* ainda tem grande relevância para os tempos atuais, seja por esclarecer importantes temas da fé cristã, a partir da reflexão das Sagradas Escrituras, seja por apresentar o papel de Maria em relação ao tema da graça. Neste artigo serão abordados os princípios hermenêuticos de Lutero pelos quais compreendeu o *Magnificat* enfocando as principais obras de Deus, a saber, a Misericórdia e a Justiça.

### **Palavras-chave**

Lutero. *Magnificat*. Cântico de Maria. Ética política.

### **Abstract**

The paper is the result of a study carried out by the students of the second year of the bachelor's degree in Theology at the Catholic Faculty of Fortaleza during the first semester of 2017. The objective of the study was to deepen a work of Luther in view of the celebration of the 500 years of the Reformation. Since for Catholic 2017 is also a year dedicated to Mary, Luther's commentary on the *Magnificat*, the song of praise of the Virgin Mary, in the Gospel of Luke. Of all the works presented, two were chosen as the most significant, not detracting the others.

The paper it is appropriate, therefore, as the fruit of this collective study, aims to present a synthesis of the main themes Luther's commentary on the *Magnificat*. This commentary is of relevance for present days, either to clarify important themes

of Christian faith, from the reflection of the Holy Scriptures, or for present Mary's role in relation to the theme of grace. In this article are approached the hermeneutical principles of Luther by which he understood the Magnificat focusing the main works of God, namely, Mercy and Justice.

### **Keywords**

Luther. Magnificat. Song of Mary. Political ethics.

## **Considerações Iniciais**

Martinho Lutero publicou no ano de 1517 as famosas teses de Heidelberg que deram abertura e continuam a abrir caminhos de reflexão e reforma em diversas igrejas ainda hoje. Ao celebrarmos os 500 anos desse acontecimento, percebemos que a Reforma ainda não terminou, não cumpriu todos os seus propósitos, nem conseguiu levar os cristãos a um compromisso mais sério com a construção do Reino de Deus. Tampouco essa celebração significa que a Reforma tenha conseguido nos levar a um diálogo inter-religioso mais intenso e comprometido com a aceitação do "diferente". Mesmo assim, não podemos ficar à margem da comemoração desse meio milênio de Reforma e, é nessa intenção que apresentamos esse breve comentário ao livro de Lutero, **Magnificat**: O Louvor de Maria<sup>1</sup>.

A recente edição brasileira se deu em conjunto com as Igrejas Católica e a Luterana, e tem sua justificativa nas comemorações dos 50 anos do Concílio Vaticano II, dos 300 anos do encontro da imagem de Nossa Senhora no rio Paraíba do Sul e dos 500 da Reforma Protestante<sup>2</sup>.

Em seu livro, Lutero faz uma interpretação detalhada dos versículos que compõe o Cântico de Maria, no qual se mostra a espiritualidade dos filhos de Israel, à medida que segue uma exposição do devido lugar de Maria no plano divino da salvação. O autor realiza esse percurso ao apresentar seus argumentos justificando-os com trechos da Bíblia. Trata-se de uma estratégia escolástica que tem pretensão de validar seus argumentos através do respaldo presente nas Sagradas Escrituras.

## **O Propósito do livro de Lutero sobre o Magnificat**

Lutero escreveu seu comentário sobre *Magnificat* por volta de 1521, conforme a apresentação de Martin N. Dreher<sup>3</sup>, concluindo em setembro

---

<sup>1</sup> LUTERO, Martim. **Magnificat**: O Louvor de Maria. Aparecida: Santuário; São Leopoldo: Sinodal, 2015.

<sup>2</sup> LUTERO, **Magnificat**, p. 3.

<sup>3</sup> LUTERO. **Magnificat**, p. 7-8.

daquele ano, período próximo à Dieta de Worms<sup>4</sup>. O livro tinha por objetivo oferecer ao Duque João Frederico da Saxônia um tratado de ética teológica política para que este soubesse o papel do cristão em relação ao exercício do governo conforme a graça de Deus<sup>5</sup>.

Os três aspectos (bíblicos, teológicos e espirituais) da exegese de Lutero estão presentes na obra de forma inseparável, sendo que o primeiro dará o tom aos demais. Contudo, a experiência na Torre Sul do mosteiro agostiniano de *Wittenberg*, foi o que determinou sua exegese e sua espiritualidade<sup>6</sup>. A riqueza, a expressividade e a sobriedade do Cântico de Maria no Evangelho conforme Lucas (1, 46-55)<sup>7</sup> estão bem ao gosto da teologia salvífica de Lutero, pois ali Maria não se vê como alguém que tenha méritos, mas como sendo um nada diante da grande obra que o Senhor realizou nela, ser a mãe do salvador.

Lutero comenta um a um os versículos em uma *lectio* continua. Primeiramente, destaca os primeiros versículos, nos quais podemos encontrar os verdadeiros princípios hermenêuticos que orientam sua exegese, tendo como eixo central a graça de Deus. Em seguida, passa a enumerar as obras de Deus cantadas por Maria em antítese com as obras dos homens soberbos, poderosos e ricos.

Neste sentido, o propósito desse livro fica muito claro: o príncipe deve ser conduzido pela graça e não pela arrogância, sob pena de ser derrubado do trono.

O bem-estar de muita gente depende de um príncipe tão importante, quando ele é governado pela graça de Deus. Por outro lado, dele depende a desgraça de muitos, quando ele se volta para si próprio e não é governado pela graça... Tanto mais quanto maior for seu domínio<sup>8</sup>.

Além disso, podemos afirmar que o comentário de Lutero ao Magnificat é uma oração. É a terceira etapa de sua *Lectio Divina* e o texto que chegou até nós é, pois, sua resposta concreta a esta oração.

---

<sup>4</sup> Assembleia dos príncipes do Sacro Império Germânico, em Worms (Alemanha), na qual Lutero foi convocado a renunciar suas teses. NOLL, Mark A. **Turning Points: Decisive Moments in the History of Christianity**. Grand Rapids: Baker Academic, 2000, p. 160.

<sup>5</sup> LUTERO. **Magnificat**, p. 7.

<sup>6</sup> TOURÓN DEL PIE, Eliseo. El Magnificat en Lutero. **Ephemerides Mariologicae**. Madri, v. 44, 1994, p. 371.

<sup>7</sup> BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 2001. Doravante as passagens bíblicas serão citadas a parte desta edição da Bíblia.

<sup>8</sup> LUTERO. **Magnificat**, p. 9.

## Princípios hermenêuticos de Lutero pelos quais compreendeu o *Magnificat*

### 1 *Deus olha para os que estão embaixo*

Deus olha para o nada, para o insignificante, para o desprezível e para o pecador. É o contrário do que acontece com o homem no pecado que “olha para cima”, que busca o poder, a glória, a riqueza, a salvação por méritos próprios com soberba, orgulho e idolatria. Lutero encontra esses contrastes no *Magnificat* quando Maria afirma que Deus “olhou para o meu nada” e “dispersou os soberbos”. A obra que Deus fez em Maria, a saber, o fato de torná-la mãe do Salvador, não foi algo esperado por ela, dada a humildade dela. No momento em que Deus a contemplou, por mais pura e humilde que fosse, pertencia ao “tronco seco” de Jessé<sup>9</sup>. Contrário à atitude de Deus está o homem, criatura insignificante e pretenciosa, criada do nada, mas que luta contra todos para subir, para ter honra, poder, riqueza, bem-estar e por tudo o que é grande e alto.

### 2 *A encarnação do Filho: a maior obra de Deus*

Para Lutero, Maria está situada entre a encarnação do Filho e a inversão escatológica de Deus na história. Pois em Maria foi realizada a “grande obra de Deus”, a encarnação, a partir de onde a inversão escatológica tem lugar na história, a saber, através das seis obras de Deus cantadas no *Magnificat*: a misericórdia, a destruição do orgulho, o rebaixamento dos grandes, a elevação dos pequenos, os famintos sendo saciados e a despedindo os ricos de mãos vazias.

### 3 *O verdadeiro louvor*

Não pode acontecer a não ser por aqueles que são invadidos pela graça de Deus. Pois é o Espírito Santo que vem em seu auxílio da humanidade e ele próprio, unido a ela, louva a Deus. Em outras palavras, o verdadeiro louvor é ação divina que não pode ser ensinada com palavras. Lutero comenta o Sl 51,10 para mostrar o sentimento de Maria que, sem uma experiência com o amor de Deus, nenhum louvor poderia proclamar. A mesma experiência por ela vivenciada, assumida numa percepção pessoal, tem sentido mais profundo quando vinculada à história de seu povo, da qual seu coração unido a Deus, prova docilidade e confiança.

---

<sup>9</sup> LUTERO. *Magnificat*, p. 16. Comentando Is 11,1s, Lutero afirma: “Não é provável, muito antes inacreditável, que de um tronco seco e de uma raiz podre brotem um ramo bonito e uma linda flor. Logo também não era de esperar que a virgem Maria fosse mãe de um filho tão importante... não somente por ter sido mãe de forma sobrenatural, como virgem, mas porque é sobrenatural que de um tronco morto nasça um broto”.

Enaltecer é a tradução do termo latino *magnificat*. Com esta palavra, Maria revela o conteúdo principal de todo o cântico de louvor que se trata de enaltecer a Deus por seus grandes feitos e por suas obras para fortalecer a fé do crente, ou seja, o consolo aos humildes e o temor nos maiores da terra.

Essas palavras de louvor devem ser proclamadas por todos os fiéis, não devem ser ditas apenas por aqueles que estão saciados ou que estão passando por dificuldades, uma vez que ninguém se deve excluir da obra divina. Em todas as circunstâncias essas palavras encontram sua justificativa, desde aqueles que estão em situação favorável, para que não deixem de temer, até aqueles que estão oprimidos, para que nelas encontre consolo.

Lutero adverte que não se enaltece a Deus por conta de sua natureza, pois ela não muda. Mas, deve-se com a devida percepção, engrandecê-lo por sua bondade e graça. Ora, muitos podem enaltecê-lo com belas palavras, outros podem buscá-lo por meio da razão e da especulação e ainda aqueles que o engrandecem com falsas devoções e vontade. No caso de Maria, quem glorifica a Deus é sua alma. Isso significa para Lutero que a Santa Mãe louva com toda a sua vida, todo o seu ser, com todos os seus sentidos e forças, atribuindo a Deus, e somente a Ele, a realização de grandes coisas. Lutero ilustra esse caso através de um exemplo característico de quando alguém faz algo de bom, em retribuição dedicam-se a este os sentimentos que o valorizam em sinal de reconhecimento. Conclui-se que tanto mais a Deus, o espírito do homem deve ser-lhe profundamente grato e, ainda que suas palavras sejam insuficientes, toda a sua vida deve traduzir esse sentimento oportuno.

Há dois tipos de espíritos que são incapazes de enaltecer a Deus. O primeiro é aquele que não louva sem que antes Deus tenha feito algo favorável, são aqueles que temem as situações de humilhação e opressão e, dessa forma, jamais irão provar do verdadeiro agir de Deus. Cantam esse hino apenas quando estão bem, mas quando as coisas começam a ir mal, cessa-se o canto. O segundo tipo, ainda mais perigoso que o anterior, são aqueles que se afastam de Deus por se gabarem dos benefícios adquiridos sem atribuí-los à ação divina. Esses ainda pretendem o reconhecimento de outrem, apreciam os bens e julgam que Deus tem a obrigação de favorecê-los.

Os benefícios de Deus são reveladores da real natureza dos corações. Maria atribui unicamente a Deus a obra que nela é realizada e, desse modo,

não queria que se desse tanta relevância a ela, mas um engrandecimento exclusivo a Deus e somente a ele. O mesmo não teria acontecido se Maria tivesse feito o contrário, ou seja, atribuído tamanha graça a si mesma. Para o autor, Maria teria ficado muito feliz se outra jovem de seu tempo tivesse sido agraciada, afinal ela não se julga digna dessa honra frente às demais. Isso porque Maria não atribuía nada absolutamente a si mesma.

Engrandecer a Deus é nada mais do que pensar grandes coisas como resultado da ação dele e não pedir nada para si mesmo. Nessa questão, observa-se que Maria teria muitas oportunidades para pecar, mas ela escapou da arrogância e da vaidade, o que não é uma graça menor do que ter sido beneficiária de tantos bens. Logo, ela, sendo a Mãe do Filho de Deus, continua simples e serena, diferente de outros que se recusam a colocarem-se em pé de igualdade com outras pessoas mais humildes. Estes últimos são pessoas que Deus mantém na pobreza e na desgraça, pois estes condicionam o seu ânimo aos bens que possuem. Maria, no entanto, permanece constante em todo o tempo, permitindo a atuação de Deus em sua vida.

Desta maneira, ninguém tem o direito de ser louvado a não ser Deus, assim afirma Lutero, e “o louvar Deus não é obra humana”<sup>10</sup>, é uma dádiva divina, e não se dar apenas em palavras, mas em um conhecimento profundo através de uma experiência única com Deus. E assim se deu com Maria.

#### 4 A teologia da cruz

Aqueles que amam as obras são os que pretendem conseguir a salvação a si mesmo, que são suficientes a si mesmo. Essas obras são as de Adão pecador e até que sejam destruídas não saberão que eles nada são e que as obras não são suas, mas de Deus. Pois é impossível ao homem salvar a si mesmo, já que não tem capacidade para fazê-lo. A salvação é obra absoluta de Deus.

Para Lutero, Deus age diretamente na história quando se revela na teologia da cruz, quer dizer, a vitória definitiva sobre o pecado e a morte. E isto se expressa na condição de impotência dos crentes, em situações de sofrimento, opressão e de martírio. É aí que Deus age, como é cantado por Maria, no *Magnificat*: Deus “exerceu o poder do seu braço e dispersa os soberbos nos desígnios de seu coração”<sup>11</sup>.

---

<sup>10</sup> LUTERO. *Magnificat*, p. 27.

<sup>11</sup> LUTERO. *Magnificat*, p. 59.

Tal era a situação de impotência na qual Cristo se encontrava na cruz e tal foi sua vitória escatológica. “Justamente ali ele mostrou o maior poder; venceu o pecado, a morte, o mundo, o inferno, o diabo e todo o mal. Neste sentido os mártires foram fortes e venceram. Também são vencedores ainda hoje os sofredores e oprimidos”<sup>12</sup>. De acordo com Lutero esse agir de Deus é percebido somente pela fé, não é visto a olhos nus, estes estão limitados à realidade empírica e não se dão conta do agir sutil de Deus cujo poder dar-se-á de forma oculta na fraqueza.

Maria no *Magnificat* é grande conhecedora da teologia da cruz por uma experiência peculiar de Deus e das Escrituras, da obra e da iluminação do Espírito. Esta experiência de Deus em Maria se opõe à teologia da glória que é aquela do homem pecador e seguidor da filosofia deste mundo. E esta experiência de Maria tem sua origem em sua santidade integral, desde o início até o fim, em sua fé e humildade, como se reflete em seu canto de louvor.

### 5 A inversão escatológica

Lutero intuiu antecipadamente, sobre o agir de Deus na história, algo que hoje é chamado de “inversão escatológica”, cujos exemplos eloquentes, em sua maioria, estão nas antíteses do *Magnificat* e das bem-aventuranças.

## As obras de Deus

Lutero elenca seis obras que demonstram o agir de Deus na história, no que hoje se chama de inversão escatológica, e que são cantadas por Maria no *Magnificat*. Destacaremos a misericórdia e a justiça porque reúnem os temas que são mais caros a Lutero.

### 1 Misericórdia: a primeira obra de Deus

No encontro com Deus, o homem vem marcado pelo orgulho e arrogância, fechado em si mesmo, sem temor ao Senhor. O homem foi marcado pelo orgulho de tal maneira que seu coração está endurecido. Ele não percebe que o orgulho o cega e se atreve ficar diante de Deus como cheio de razões. Por esse motivo a misericórdia é a primeira obra de divina no ser humano, porque este se aproxima de seu Criador de forma tão indigna a ponto de não temê-lo.

---

<sup>12</sup> LUTERO. *Magnificat*, p. 60.

Mas, Lutero usa uma metodologia dialética em cujos polos estão os maus e os piedosos. Portanto, deixa claro que a misericórdia divina está sempre presente, como bem espiritual, nos piedosos, pois em suas vidas, caminham segundo os desígnios de Deus, com humildade e sabedoria. A Misericórdia de Deus, assim como se manifestou em Maria, é um bem espiritual, que se manifesta a nós, mesmo quando não a compreendemos e dura para sempre, de geração a geração, para aqueles que temem o nome de Deus. Deus é misericordioso perante todos aqueles que conseguem renunciar espontaneamente as suas convicções, suas próprias justiça, sua sabedoria, e principalmente os seus bens espirituais, para assim, ficarem pobres de espírito e de vontade livre. Essas são as pessoas que assim como Maria, renunciaram a si e as coisas do mundo, para viverem em um total desapego, respeitando a vontade de Deus em suas vidas, e que por este mesmo Deus, são agraciadas na pequenez de seu ser. Essas pessoas, mesmo quando são agraciadas não se consideram dignas de louvores ou de coisa alguma e sempre se apresentam como estando nuas e desprovidas de tudo no mundo. Isso significa que nada lhes pertence, mas todos os seus bens lhes foram concedidos apenas por graça daquele que é o misericordioso, sem mérito algum da parte delas, mas por pura bondade e misericórdia de Deus.

A misericórdia é apresentada por Lutero como sendo um bem espiritual interno da mais nobre importância e que somente o arrogante e o orgulhoso são incapazes de compreender, pois estes acreditam possuir gratidão e recompensa diante de Deus. Neste caso, o pretensioso, por achar que tem razão, age faltando com temor. Para justificar esse argumento, o autor utiliza-se das Sagradas Escrituras através do discurso narrado por João (16, 2) nos quais Jesus reprova esta categoria de gente, bem como a insensatez de Moabe descrita no Antigo Testamento com as atribuições de soberba, arrogância, orgulho e vaidade (Jr 48, 29s; Is 16,6).

Lutero apresenta um contraponto a esse perfil ao apresentar a retratação daquele que foi perdoado (Jó 40,15s), apresentando-se como indigno diante de Deus e passando a confiar-se inteira e unicamente em sua misericórdia. Entretanto, o autor observa que esse testemunho não é vivenciado pela Igreja de sua época, tendo em vista a prepotência do Papa e de seus seguidores. Ora, estes não permitem que o Espírito de Deus os governe, uma vez que estão cheios de si mesmos que se recusam a ouvir opiniões ou ceder a recomendações.

Por fim, a misericórdia de Deus vem em socorro das misérias daqueles que tentam viver sua vida no seguimento do evangelho, mas

também, vem em socorro e auxílio para aqueles que vivem ainda no caminho das trevas, para que através da misericórdia, possam retornar para o caminho da salvação.

## 2. A justiça: rebaixar os grandes, elevar os pequenos

A justiça de Deus acontece quando Deus age poderosamente e destrói a todos os que são orgulhosos nas intenções de seus corações. Destitui os grandes senhores e exalta os pobres e humildes<sup>13</sup>. Deus permite que os ricos, poderosos e arrogantes se apresentem como grandes e poderosos, que cresçam pela sua própria força e inchem como uma bolha. Para assim quando eles estiverem bem inchados e pensarem que são ricos e poderosos de si mesmos esta bolha seja explodida e eles deixem de existir<sup>14</sup>. “Deus é um Senhor que cujas obras se realizam de tal forma que ele dispersa energeticamente os arrogantes e é misericordioso para com os que têm medo dele”<sup>15</sup>, os que o reverenciam, conforme a linguagem atual.

Os arrogantes são aqueles que, de acordo com Lutero, voluntariamente afastam-se de Deus e aproximam-se do mal. Existem três tipos de pessoas que agem dessa forma, são os ricos, os poderosos e os sábios. A riqueza pode ser de dois tipos a de bens espirituais que advém da sabedoria e são os dons da “inteligência, razão, talento, habilidade, piedade, virtude, vida boa”<sup>16</sup>; e a riqueza material que “inclui saúde, boa aparência, boa disposição, força física, e todas as coisas externas que podem acontecer com o corpo”<sup>17</sup>. Percebemos, neste caso, que não é acúmulo de coisas e nem de dinheiro. Os ricos valorizam acima de tudo a realização de seus desejos e de suas paixões e tentarão realizar tudo o que estiver ao seu alcance para permanecerem ricos.

Já os poderosos “exercem sua arrogância contra os inferiores e os humildes piedosos”<sup>18</sup>. São ávidos pelo poder e a autoridade que vem do mesmo. São corruptos e corrompem todos ao seu redor como uma maçã podre num cesto de maçãs. Os poderosos “não se satisfazem com o confessar da justiça, mas também querem conquistá-la e vencer sem medo de Deus”<sup>19</sup>, a fim de perpetuar o seu poder.

---

<sup>13</sup> LUTERO. **Magnificat**, p. 19.

<sup>14</sup> LUTERO. **Magnificat**, p. 87.

<sup>15</sup> LUTERO. **Magnificat**, p. 85.

<sup>16</sup> LUTERO. **Magnificat**, p. 50.

<sup>17</sup> LUTERO. **Magnificat**, p. 50.

<sup>18</sup> LUTERO. **Magnificat**, p. 63.

<sup>19</sup> LUTERO. **Magnificat**, p. 55.

Os sábios são aqueles que acham que tem razão, que entendem das coisas e que se consideram mais sábios que os outros.<sup>20</sup> São pessoas que faltam muito o temor de Deus. Eles ousam “gabar-se de não poder errar, que Deus está ao seu lado e os outros são diabólicos”<sup>21</sup> e estão sempre errados. Quando são forçados a verem que estão errados tornam-se grosseiros e são capazes de condenar, blasfemar, matar, expulsar e destruir todos os que se opõe a eles dizendo que estão realizando a vontade divina<sup>22</sup>.

Em contrapartida, estão os pobres e humildes, os quais são “todos aqueles que nada valem perante o mundo e que são absolutamente nada”.<sup>23</sup> São aqueles “que aceitam com prazer essa condição, sobretudo quando são forçadas a ela por amor à Palavra de Deus ou à justiça”<sup>24</sup>, mesmo em meio à violência. Foi a este tipo de pessoas que Deus escolheu ser quando assumiu a forma humana, quando se encarnou, e foi como um deles que Ele morreu. Contudo, de acordo com Lutero, devemos prestar atenção em quem é o verdadeiro pobre e o verdadeiro humilde.

O verdadeiro humilde, o pobre não “vê a recompensa e o resultado da humildade”<sup>25</sup>, ele não espera receber nenhum tipo de recompensa por ser humilde. Na realidade o verdadeiro humilde e pobre do Evangelho nunca vem a saber que é humilde. Não consegue perceber a si mesmo com uma pessoa humilde e pobre<sup>26</sup>. O humilde preocupa-se com as coisas que Deus faz com ele mesmo e não fica preocupado com as obras que Deus realiza com os outros<sup>27</sup>. O humilde e o pobre atribuem exclusivamente ao único Deus todo poder, toda ação, sabedoria e glória<sup>28</sup>. Para eles nenhum dom, graça ou capacidade são deles mesmos, não são para benefício próprio, mas tudo é obra d’Aquele “que é único que faz todas as coisas e cujo poder exclusivo atua em tudo”<sup>29</sup>.

Deus “permite que a parte mais humilde tenha que sofrer sob a parte mais nobre, para que se tenha certeza de que nossa salvação não consiste na obra de homens, mas exclusivamente no poder e nas obras de

---

<sup>20</sup> LUTERO. **Magnificat**, p. 51.

<sup>21</sup> LUTERO. **Magnificat**, p. 51.

<sup>22</sup> LUTERO. **Magnificat**, p. 51.

<sup>23</sup> LUTERO. **Magnificat**, p. 65.

<sup>24</sup> LUTERO. **Magnificat**, p. 67.

<sup>25</sup> LUTERO. **Magnificat**, p. 31.

<sup>26</sup> LUTERO. **Magnificat**, p. 32.

<sup>27</sup> LUTERO. **Magnificat**, p. 32.

<sup>28</sup> LUTERO. **Magnificat**, p. 44.

<sup>29</sup> LUTERO. **Magnificat**, p. 45.

Deus”<sup>30</sup>. Esta “é uma característica [própria] de Deus olhar para as coisas insignificantes. [...] Se trata de pura graça e bondade”<sup>31</sup> divina olhar para aqueles que são os menores e mais humilhados.

É assim que age Deus e a sua justiça. Devemos ter cuidado porque muitas vezes “desconhecemos a própria obra de Deus. Por isso também não o conhecemos, nem sua misericórdia”<sup>32</sup>. E acabamos pensando que Deus nos abandonou, ou que Ele está abaixo do mal, ou ainda pior que Ele não existe. Na verdade, Deus deseja ser louvado por nós e fazer com que nós por nossa própria escolha aproximemo-nos d’Ele para sermos salvos e desfrutar de sua graça. É por isso que ele derruba os poderosos para eles poderem saber que somente Deus é que é poderoso e eleva os humildes que percebem que são e quem é Deus.

### Considerações finais

Lutero faz uma análise precisa dos termos que compõe o *Magnificat*, pretendendo apresentar em seu comentário a verdadeira intenção do cântico de louvor de Maria. Segundo o autor, o verdadeiro louvor é um resultado de uma experiência pessoal do homem com Deus, exprimindo por meio de palavras o louvor que unicamente deve ser destinado ao Senhor. Maria enaltece o nome de Deus em pelas obras divinas realizadas em favor dela e de seu povo, isso porque reconhece a própria miséria diante de tamanha misericórdia.

A meditação de Lutero sobre o cântico de Maria esclarece o verdadeiro motivo do louvor destinado a Deus. Ora, o homem deve reconhecer como obra da misericórdia de Deus, ou seja, deve estar pronto para renunciar, de modo espontâneo, as próprias convicções, justiça e verdades, ausentar-se de bens espirituais e ficar pobre de espírito diante de Deus para colocar em primeiro a vontade divina. Desse modo procedeu a Doce Mãe de Deus, não arrogando-se privilégios, mas reconheceu a ação misericordiosa de Deus em favor de seu povo, sendo ela a primeira agraciada. Logo, deve-se de igual modo reconhecer que tudo o que se possui foi concedido apenas por graça e sem nenhum merecimento pessoal.

O texto traduz uma relevante questão pastoral atual ao apresentar uma veneração consciente à Virgem Maria sem reduzir o seu importante papel no plano salvífico da humanidade. Nesta época em que se

---

<sup>30</sup> LUTERO. *Magnificat*, p. 64.

<sup>31</sup> LUTERO. *Magnificat*, p. 30.

<sup>32</sup> LUTERO. *Magnificat*, p. 61.

multiplicam tendências restauracionistas da fé, reduzido às obras corporais um caráter que deveria antes ser resultado de um amadurecimento espiritual, a interpretação feita por Martim Lutero apresenta de forma lúcida a devida correspondência que deve ter qualquer cristão diante da proposta de Deus em sua vida, utilizando Maria como exemplo. Como consequência, o autor evita o devocionismo alienado surgido em torno da veneração da Mãe de Deus, compondo uma digna interpretação acerca do cântico do *Magnificat*.

Ler essa obra de Lutero proporciona-nos não apenas uma verdadeira reflexão sobre o nosso estilo de ser cristão, de ser discípulo de Jesus, mas de sermos verdadeiramente pessoas humanas em nossa relação com Deus, com as pessoas e conosco mesmo. Tal leitura individual ou mesmo partilhada dentro da comunidade cristã, dessa obra de Lutero ajudará a cada um de nós em nosso caminho rumo a um relacionamento mais verdadeiro com a Trindade. Devemos, pois, abdicar de alguma preconcepção “anti-luterana” para apreciar seu comentário ao *Magnificat*, como o mesmo merece. E também fazemos nossa *lectio divina* e nosso aprofundamento sobre quem é Maria a partir de obra de Lutero, em especial neste ano Mariano.

## Referências Bibliográficas

BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 2001.

GHERARDINI, Brunero. Maria nel commento di LUTERO al 'Magnificat'. **Rivista liturgica**. Arezzo, v. 85, p. 315-325, 1998.

LUTERO, Martim. **Magnificat**: o Louvor de Maria. Aparecida: Santuário; São Leopoldo: Sinodal, 2015.

NOLL, Mark A. **Turning Points**: Decisive Moments in the History of Christianity. Grand Rapids: Baker Academic, 2000.

TOURÓN DEL PIE, Eliseo. El Magnificat en Lutero. **Ephemerides Mariologicae**. Madri, v. 44, p. 371-390, 1994.

*\*Profª. Dra. Ir. Aíla Luzia Pinheiro de Andrade, INJ*

Doutora em Teologia Bíblica pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia - FAJE. Professora da Faculdade Católica de Fortaleza - FCF. Contato: aylanj@gmail.com.

*\*\*Prof. Esp. Joaquim Fernando Pontes III*

Especialista em Filosofia da Religião pela Universidade Estadual Vale do Acaraú - UVA. Estudante do Bacharelado em Teologia da Faculdade Católica de Fortaleza - FCF. Contato: jfernandop3@hotmail.com

*\*\*\*João Frota Melo*

Bacharel em Filosofia pela Faculdade Católica de Fortaleza - FCF. Estudante do Bacharelado em Teologia pela Faculdade Católica de Fortaleza - FCF. Contato: joaofrota@hotmail.com.